REVISTA DE TURISMO

PUBLICAÇÃO MENSAL DE TURISMO, PROPAGANDA, VIAGENS, NAVEGAÇÃO, ARTE E LITERATURA ▫ ▫ ▫

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

ANO V
II SERIE

JUNHO 1921
N.º 108

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: F. FERNANDES VILLAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: *LARGO BORDALO PINHEIRO, 28* — TELEFONE **2337** CENTRAL

O TURISMO EM PORTUGAL

CONCLUSÃO RACIONAL

ESTAMOS quasi em dizer que, afinal, todos teem razão, e nós é que temos estado em erro...

Esta grande campanha em que, ha cinco anos, nos vimos empenhando, apenas tem a justifical'a um phenomeno exquisito, mas verdadeiro, de dificil classificação, pois se trata do producto da nossa exquisita idiosyncrasia.

— Errámos?

Parece-nos que sim. Por isso vamos dar a mão á palmatoria.

Realmente, n'um louco sonho de grandeza, a nossa imaginação figurava uma idéa diferente do que havia de sêr o turismo em Portugal, ou ***Portugal nação de turismo***.

Puro engano.

E é tão dificil explical'o, que nem mesmo para nós achamos justificação outra que não se baseie n'um phenomeno pathologico.

De facto, não tem sido á intepretação da palavra ***turista***, que temos dada acepção diferente da sua generalidade; isso bem o sabemos; o que temos é suposto diferentemente as condições do nosso Paiz, para que sejamos apreciados pelos extranhos.

Ora, ***turista***, se não estamos em êrro é — segundo a mais comprehensivel e recente tradução dos varios autorisados dicionarios mundiaes — a pessoa que viaja para se distrahir; procurando, para isso, em paizes extrangeiros, o inédito, o original, o desconhecido. Como ***turista*** e tambem para distração, o viajante precisa de sofrer ou saborear sensações diferentes das que tem já experimentado. As surprezas, os imprevistos, os ocasionaes—tudo, emfim, quanto apresente novidade, representa um poderoso atractivo para o turista.

Pois bem. Se assim é, e é que deve sêr, não ha duvida de que temos feito uma campanha errada...

D'ahi a razão porque não temos sido atendidos; o que demonstra, sem possivel contestação, que o nosso Paiz está perfeitamente nas melhores condições para explorar a industria do turismo, sem necessidade de... outras coisas que, simplesmente por um ***estupido*** capricho nosso, n'elas temos insistido.

Portugal está absolutamente um paiz unico para turismo e...

— E porque esta é uma ***verdade*** axio-

matica, palpavel, indiscutivel, (tão certa, como certo é o contrario) a nossa missão, vae simplesmente resumir-se á propaganda intensissima, anunciando surprezas, originalidades, sensações, etc., etc. como em nenhuma outra terra do orbe.

Para isso faremos uma edição especial sob outro titulo e sem que os nossos nomes n'ela tenham relevo.

E' claro que, com semelhante reclame, os extrangeiros, principalmente da França e do Centro da Europa, cahirão sobre o nosso Paiz como o Caudal do Niagara cae nas célebres e maravilhosas cataratas que teem o seu nome.

Infelizmente as *cataratas* da nossa vista é que não nos deixarão gozar essa suprema ventura, que alguem já classificou de «mitho»...

José Lisboa

TURISMO INSULAR

CARTA DA MADEIRA

Funchal—Junho 1921

Não me permitiram as muitas ocupações que, tão prompto como desejava, viesse agradecer ao ilustre confrade *Comercio da Madeira* não só a transcripção textual da minha carta, que foi publicada na *Revista de Turismo*, referida a Abril ultimo, mas, tambem, a sua amabilissima resposta, que faz acompanhar de termos que muito me penhoraram; pelo que aqui consigno o meu sincero reconhecimento.

Permita-me, porém, o brilhante colega que, antes de me referir mais detidamente aos assumptos que nos interessam em geral, me felicite por tão util como agradavel companhia na campanha que encetei, a bem dos interesses da Madeira, e por tão proveitoso apoio em prol d'uma causa que, para os madeirenses, deve sêr sagrada.

E, realmente, assim parece que é; pois que, certamente, o *Comercio da Madeira* com o poder da sua auctoridade, não deixa de nitidamente interpretar a opinião geral, quando se pronuncia em absoluta concordancia com o meu despretencioso modo de vêr.

Não posso, pois, em boa razão, deixar de concordar agora com o brilhante colega, na sua apreciação sobre a necessidade de alindar o Funchal, uma vez que foi esclarecida a idéa qne provocou os meus reparos, simplesmente originados pela interpretação que me ofereceu a conclusão logica da sua dissertação sobre o assumpto.

Aclarado assim o caso, vejo com satisfação que estamos todos d'acordo.

Posto isto, é necessario proseguir na nossa missão para que ela surta os efeitos desejados — o que não é dificil. O essencial é estimulár a opinião.

Veja o ilustre colega o que aconteceu com a recusa oposta pela Comissão Administrativa do Hospital Civil á filantropica oferta do distinctissimo conterraneo Vieira de Castro!

Se o povo madeirense se tivesse já compenetrado de que a sua felicidade apenas dependia da perfeita comunhão do seu pensamento, estou bem certo de que a Madeira seria hoje a ilha mais feliz do planeta.

Não quiz o Destino que tal tivesse ainda acontecido; mas pode muito ser que Ele nos tenha reservado a nós — ao meu modesto esforço e ao brilhante concurso do *Comercio da Madeira* — a missão de impulsionarmos as energias adormecidas para a grande aura de progresso que está assegurada a esta Ilha.

Para isso o que é absolutamente ina-

diavel é a formação da Sociedade de Defeza e Propaganda da Madeira.

E' esta a primeira étapa. E sem ela não se poderá entrar no caminho que nos levará ao grande futuro da nossa Ilha.

Ora a Sociedade de Defeza e Propaganda deve instituir-se por forma absolutamente legal, e constituir-se com os melhores e mais sãos elementos madeirenses, para que seja reconhecida como *instituição d'utilidade patriotica.*

O seu primeiro cuidado e principal trabalho, deverá sêr, depois de constituida, a exterminação da politica e a união de todos os madeirenses para um unico e simples fim: *trabalhar pela Madeira.* O estandarte d'essa agremiação de que todos os madeirenses deverão fazer parte—deverá ter como lema o seguinte distico: ***Pró Madeira.***

Conseguido esse desideratum, o resto é materia facil — como se diz em calão d'estudante.

...Porque a força resultante da união de todos os madeirenses é mais do que suficiente para se impor seja a que fôr.

Portanto, devemos, agora, trabalhar para que se organise a Sociedade de Defeza de Propaganda da Madeira, procurando edifical'a sobre alicerces da maior resistencia.

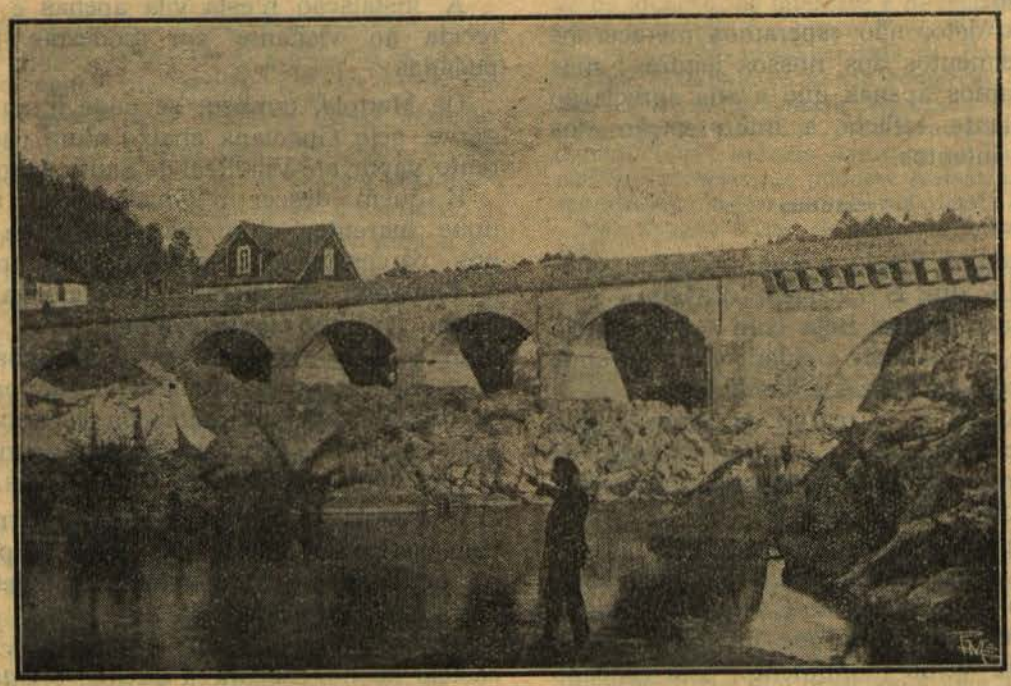
E' este o primeiro numero do meu programa de propaganda da Madeira. Os outros seguir-se-hão por simples indicações e por sugestões mais ou menos insistentes.

Dada a feliz comunhão de idéas que encontrei no brilhante confrade, espero que acorrerá a entoar comigo este brado patriotico que deve vibrar no coração de todos os madeirenses: ***Pró Madeira.***

...E em breve não encontraremos uma só *figura que saia á liça,* mas uma pleiade ilustre de madeirenses, prontos e dispostos a trabalhar pela defeza dos interesses nataes que, de resto, são os seus proprios.

C. N.

A NOSSA CAPA



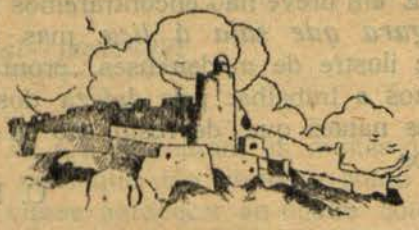
S. PEDRO DO SUL — Ponte sobre o Vouga

RIQUEZAS PATRIAS

CASTELOS DE PORTUGAL

Proseguimos na descripção sobre os Castelos que se encontram no Alemtejo e no Algarve; e com esta parte terminamos as memorias que sobre o assumpto escrevemos e que temos a satisfação de deixar arquivadas nas colunas da *Revista de Turismo.*

Trabalho modesto e incompleto — sem pruridos de notoriedade — ele representa, todavia, o producto d'um agradavel esforço, conscienciosamente posto á prova



Castelo do Alvito

da utilidade alheia como simples subsidio historico.

Posto isto, não esperamos merecer os agradecimentos dos nossos leitores; mas aguardamos apenas que a sua apreciação benevolente reflicta a interpretação dos nossos intentos.

Tinhamos ficado n'esse heraldico monumento, que é o castelo d'Alvito.

Adiante, temos Beja com o seu castelo no alto, a dominar a cidade e uma grande amplitude de seáras e herdades.

O castelo é do tempo de Diniz, e uma joia de archeologia; e a torre anexa, de marmore, em estilo gothico, é uma preciosidade.

Os hoteis são pequenos.

Pela linha de Sueste, o comboio levanos em duas horas ao *Castelo de Moura*, no centro da vila que lhe dá o nome. Ali, este velho monumento, está rodeado por jardins, havendo n'um d'eles um chafariz alto, d'onde corre a jorros a famosa agua de Moura.

O brazão de Moura, como o de Elvas, alguma coisa teem de lendario, pois aos pés de uma torre está estendido o corpo de uma mulher que a lenda diz ser o da moura Saluquia, filha estremecida do alcaide Abu-Assam; mulher de estonteadora formosura que ficara, na ausencia de seu pae, governando a praça; e ao sêr esta assaltada pelos portuguezes n'uma sortida audaciosa, vendo-se vencida, precipitou-se do alto da torre, preferindo a morte a entregar-se.

O hotel d'aqui é explendido.

Reportando-nos a Beja, vae-se por uma estrada de 10 leguas, e por diligencia, á beira do Guadiana, defendida por grossas muralhas em aspero declive. Ao cabo d'essa jornada encontra-se um velho castelo no alto da vila, em abandonadas ruinas.

A instalação n'esta vila apenas é oferecida ao visitante em modestas hospedarias.

De Mertola, tambem se pode ir ao Algarve, pelo Guadiana abaixo n'um pachorento vapor até Vila Real de Santo Antonio.

E quem descer o Guadiana por uma noite luarenta, n'um barquinho que por uns parcos tostões se aluga, para trazer a Pomarão, de onde uma pequena via ferrea leva ás notaveis minas de S. Domingos, não navegará entre nenuphares, mas realisará a pesca maravilhosa, porque os pequenos peixes prateados, espantados pelos remos da embarcação, dão cabriolas no ar, vindo cahir sobre os viajantes.

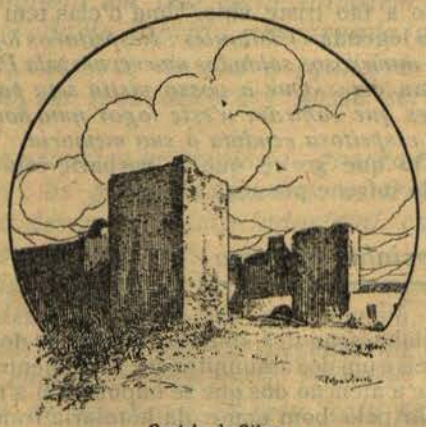
E depois as sébes esguias que irrompem das aguas quietas dão-nos a impressão de ninphas a banharem-se no silencio das noites estreladas.

Antes de se chegar a Vila Real, um castelo se nos depara á direita: é *Castro-Marim*, ainda com boas torres, cujas

ameias arrogantes parecem esperar um ataque da sua visinha Ayamonte, alem toda branca e sorridente em terras da Andaluzia.

O Algarve, dois castelos ainda tem cheios de lenda e tradição: O de Silves, envolvido nas lendas amorosas das moiras encantadas; e o de Sagres, a mirar o oceano bravio, como o infante D. Henrique olhava o caminho da mistica aventura.

O comboio de Vila Real ou o de Lisboa, leva-nos ao Ramal de Portimão, até á estação de *Silves* a dois passos da qual nos aparece a velha cidade mourisca, quasi a tombar so-



Castelo de Silves

bre o rio Arade, e onde entre o casario ainda com fortes traços de arquitectura arabe, se vê o castelo de remota origem e uma catedral gotica, que retem a nossa atenção.

Ali, sobre aquelas frias abobadas, repousaram os ossos do «Principe perfeito», até serem transferidos para a Batalha.

De Silves, uma viagem poetica e romantica, pelo rio Arade, nos tenta a ir a Portimão, n'um barco que facilmente se aluga, e cujo trajeto se faz n'uma hora.

O hotel da Praia da Rocha, junto a Portimão, oferece regular hospedagem.

Para *Sagres*, uma diligencia que diariamente vae a Lagos, nos conduz pelos 36 kilometros de estrada, que é uma delicia percorrer na primavera com os campos de amendoeiras em flôr.

Para conforto dos hospedes ha, em Lagos, um modesto hotel (dentro em pouco os haverá superiormente confortaveis!) e em Sagres uma modesta hospedaria.

Em Sagres senão encontramos grandes motivos de arte nas muralhas do seu promotorio, sentimos, porem, elevar-se a alma ás mais sagradas paginas da nossa historia, a esse infante sonhador que abriu os olhos a uma civilisação e lançou a nossa raça nas audazes campanhas do mar, pelos caminhos misticos das grandes aventuras.

G. M.

FIM

REGISTO

«Paris-Noticias»

Enviado pelo nosso querido amigo Guerra Maio, Redactor Principal da *Revista de Turismo*, que se acha em Paris, dirigindo o *Bureau de Renseignements*, recebemos o primeiro numero da edição parisiense do «Diario de Noticias» de Lisboa, intitulada *Paris-Noticias*.

A sua apresentação é atrahente e a feitura é correcta. Porem, a nossa decepção foi grande ao vermos que esse grande esforço do jornal portuguez não corresponde aos desejos e necessidades do nosso paiz. Realmente, era de presumir que essa publicaçao se dedicava, unica e especialmente, a levar ao conhecimento do grande povo francez e á grande população fluctuante que enxameia a capital da civilisação europeia, tudo quanto pudesse constituir um motivo de atenção, de interesse e de reclamo para o nosso paiz; isto é — que o *Paris-Noticias* fosse um verdadeiro propagandista de Portugal em França, referindo-se ao seu comercio, á sua industria, á sua agricultura; as estancias de cura e de repouso - thermas, praias, campos, museus, monumentos; belezas naturaes, ao Turismo — emfim a tudo quanto pudesse satisfazer os nossos desejos, interesses e necessidades d'expansão.

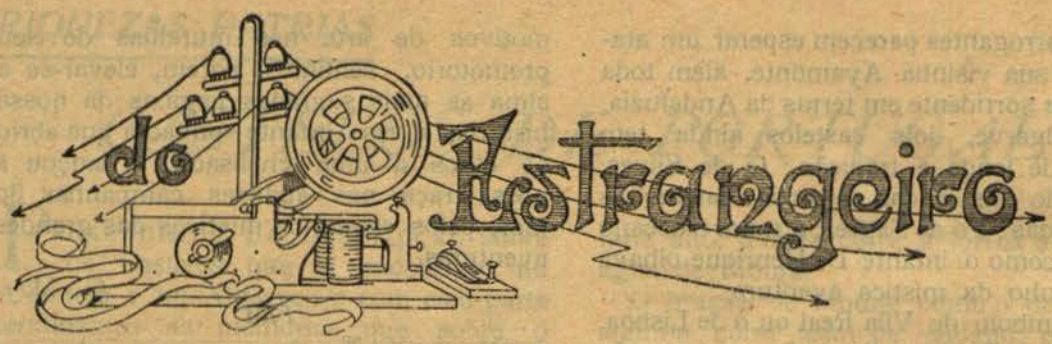
Pois a nada d'isso dedica uma linha só que seja!

Se os seus numeros subsequentes mantiverem a mesma orientação do primeiro, é caso para dizer-se: triste e baldado esforço.

Empreza das Caldas Santas

A Empreza das Caldas Santas teve a gentileza de nos enviar o relatorio do seu Conselho d'Administração referido ao exercicio de 1920, que faz acompanhar das respectivas Contas e do Parecer do seu Conselho Fiscal.

Agradecendo esta oferta, desejamos á mesma Empreza o proseguimento das suas prosperidades, reveladas nas elucidativas informações do seu Relatorio e confirmadas nas Contas n'ele insertas, que provam bem a boa orientação e o são criterio que tem presidido á vida d'essa util Sociedade.



FRANÇA

O Parlamento do Turismo

As Federações dos Sindicatos d'Iniciativa, em França, teem-se reunido ultimamente em diversas sessões, a fim de apreciarem as questões do mais oportuno e palpitante interesse para o desenvolvimento do turismo francez, taes como: propaganda; creação, em Paris, d'um posto d'informações; alargamento da propaganda no extrangeiro; ampliação do periodo das estações thermaes; «camping»; sinalisalisação das estradas, taxa de estadia; participação nas exposições; facilidades d'acesso, etc.

Escusado será dizer que a estas reuniões concurreram numerosos delegados de todas as associações desportivas e de turismo, que se manifestaram absolutamente concordes com todos os pontos de vista d'interesse geral inscritos no programa dos trabalhos. Não é de mais, porem, frizar bem este ponto, para mais uma vez mostrar quanto a França se agita para atingir de novo e mesmo ultrapassar a situação conquistada antes da guerra, pela industria do turismo; e o enthusiasmo incomparavelmente grande que anima todos aqueles que n'isso vêem mais do que um devêr moral — a obrigação patriotica e o capricho sentimental de procederem para o engrandecimento da sua Patria, para a sua completa felicidade.

E' assim, com esta perfeita noção dos devêres individuaes, que os paizes se engrandecem e se impõem ao respeito, á admiração e ao exemplo.

Nos campos da batalha

O Boletim do Touring Club de França, refere-se a escandalos que teem sido praticados por alguns dos visitantes nos campos de batalha, cuja conducta tem ficado muito longe da magestade impressionante e melancholica do logar.

Por esse motivo, dirigiu-se ao perfeito do Aisne, assignalando-lhe alguns casos pouco respeitosos que foram praticados, mormente em Berry-au-Bac; ao que essa auctoridade respondeu, dizendo ter já mandado afixar duas placas, convidando os visitantes a guardarem o respeito devido a tão triste sitio. Uma d'elas tem a seguinte legenda «*Visitantes: Respeitai os logares «onde numerosos soldados morreram pela Patria.* A outra diz: «*Que a vossa visita seja para os «heroes que cahiram n'este logar uma homena-«gem respeitosa rendida á sua memoria.*

— Do que se vê que a barbarie está campeando infrene por toda a parte.

A cozinha franceza

A elaboração dos «menús» culinarios dos hoteis é um dos assumptos que atualmente mais prende a atenção dos que se impuzeram a tarefa de zelar pelo bom nome da hotelaria franceza, no que respeita a cosinha.

O movimento que origina esse grave assumpto é certamente motivado pelas queixas de que o publico se tem feito éco e que teem sido apreciadas pelos inspectores de turismo, que ligam a esta parte da hotelaria franceza os seus melhores cuidados.

E' tambem bom notar que, antes da guerra, a cosinha franceza representava um papel importante como valioso atractivo para o desenvolvimento do turismo no paiz do galo.

Agora, *por efeito das circunstancias* (euphemismo que cobre todas as poucas-vergonhas que se praticam quotidianamente) esse especialissimo atributo da hotelaria, tem, em França, desmerecido do seu antigo conceito; e este facto tem-se confirmado até o ponto de, em alguns hoteis da provincia, como ha pouco sucedeu em Metz, não haver a deliciosa *charcutterie française.*

Isso, que representa um prejudicialissimo symptoma de desleixo e de... mais alguma coisa por parte dos hoteleiros, vae provocar uma grande reação que terá por fim o estabelecimento da cosinha regional em cada hotel da provincia.

Sobre este ponto, que é, aliás concreto no aspecto de turismo, ha em Portugal varias opiniões, nenhuma das quaes pode destruir a base que leva agora a França a movimentar-se.

ARTE

O EXPRESSIONISMO

UMA onda de excentricidade vem avassalando o mundo em todas as suas manifestações de vida.

A guerra, convulsionando os velhos principios, trouxe á supuração umas novidades, que as ideias, como que redemoinhando em sua volta, admitem como um producto hibrido procurando demoli-las, receosas de que o equilibrio realisado em taes alicerces possa ser instavel.

Os proprios principios da guerra foram novos; os gazes asfixiantes, as trincheiras, o desenvolvimento industrial, os progressos scientificos, a chimica, a metalurgia, adoptaram processos, formas, que as ideias antigas não conceberam.

Outro tanto parece succeder na Arte.

A chamada Arte-Nova, tentativa picaresca de um renascimento, caiu perante a grandiosidade da velha Arte, não tendo conseguido sequer despertar um interesse emotivo de sensações novas.

A Arte é uma, e é sempre nova, fazendo vibrar perpetuamente as mesmas teclas da sensação humana.

A musica na sua misteriosa sublimidade, dá por vezes impressões de novos argumentos, mas ela é sempre a interpretação de um estado dolente da alma que só sentimento analogo pode perceber.

Não se concebe em Arte uma emotividade diferente provocada pela mesma excitação, nem tão pouco uma mesma emoção ou mesmo nervosismo originado em motivos diferentes.

No entretanto esta humanidade do seculo XX, cançada de todas as emoções, esgotada na sua nevrotica fadiga da vida, procura pretextos para a excitação viciosa dos sentidos, inventando, imaginando grotescos arremedos do que possa supor como arte.

E' assim que n'estes ultimos tempos se vem falando no «Expressionismo» nova tentativa de uma Arte Nova.

Tem já o Expressionismo amostras em theatro, em coreografia e em musica não tendo tentado ainda nenhum esboço nas artes plasticas, o que prova a sua inferioridade.

Não estão bem assentes quaes os principios do expressionismo; não apareceu ainda literatura e agora alguns artigos criticos de jornaes, só como divertimento, espectaculo para entreter a ociosidade de um publico avido de coisas novas; mas toda a gente fala no expressionismo, e parece que o seu interessante objectivo é fazer realçar um ou outro ponto de vista possivelmenté julgado secundario em detrimento de outros mais importantes.

Veja-se que concepção d'Arte!

Em architectura seria por exemplo rematar a airosa curvatura de um arco por uma porção de linha quebrada; em claro escuro uma luz disigualmeate difusa por ventura concentrada em um fundo!!

E são estes os termos com que é tratado o Expressionismo.

Não se sabe onde nasceu o expressionismo mas é na Alemanha ou antes em Berlim onde ele se cultiva com interesse.

Chegou-se a imaginar que não era mais do que um reclamo que os industriaes das anilinas tinham inventado para os seus productos.

E' certo que nas modas o expressionismo manifestou-se na diversidade das cores; e como a moda é variavel de ano para ano, é de esperar e de desejar que para o ano o expressionismo tenha passado... de moda.

Bemfica, Maio de 1921.

CESAR FERREIRA

EXCURSÃO AO ALGARVE

IMPRESSÕES DE VIAGEM

DE LISBOA A VILA REAL DE SANTO ANTONIO

Proseguimos hoje na descripção da viagem, que fizemos em propaganda do Turismo em Portugal.

Se bem que fosse nosso intento resumil'a tanto quanto possivel, principalmente para não fatigarmos os nossos leitores, o caso é que o que vimos com olhos de vêr, nos obriga a imitarmos o nosso conspicuo colega *Diario de Noticias*, fazendo a nossa narrativa por partes, como as Aventuras do Barrabás (que, aliás, não lêmos).

Como esta viagem foi feita por étapas, justo é que a sua descripção siga o mesmo programa. Lastimamos, apenas, que não possamos dar-lhe o colorido que nos enthusiasmou e que, por certo, atrahiria mais a atenção de quem nos lêr.

—Que se nos desculpe a insuficiencia.

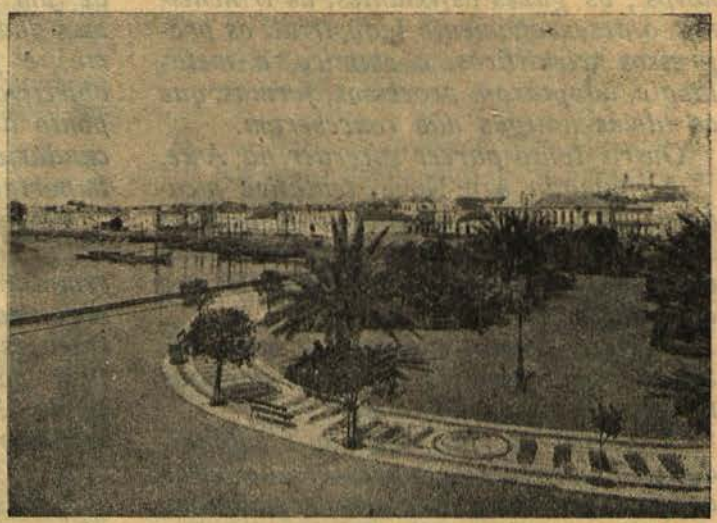
Partimos de Tunes com perto de duas horas de atrazo.

D'ahi até Vila Real, fômos gozando as diversas phases da paysagem Algarvia, tão original, tão diferente da que se nota em as outras provincias portuguezas.

Uma das mais atrahentes originalidades d'essa paysagem é a extensa planicie em que assenta toda a fertil provincia Algarvia, planicie que é dominada pela enorme serra do Caldeirão, que a limita em quasi toda a sua amplitude, marcando assim a linha divisoria entre essa provincia e o Alemtejo.

Os panoramas que se disfrutam são bastante interessantes. D'um lado da linha ferrea avista-se, como que colocadas pela mão da Natureza, pequenas povoações assentes na encosta d'essa grande montanha e que a animam e lhe dão uma vida de scismadora poesia. D'outro lado, distingue-se, de espaço a espaço, esse vasto Oceano que separa os dois Continentes.

Entrecortando esse panorama, avista-se, de longe em longe, como para tornar mais atrahente o quadro, umas pequenas florestas de pinheiros, estabelecendo um curioso contraste com o resto do flora, que vive n'uma disposição meio selvagem e n'uma excentrica mixtura: figueiras, sobreiros, amendoeiras, algumas oliveiras.

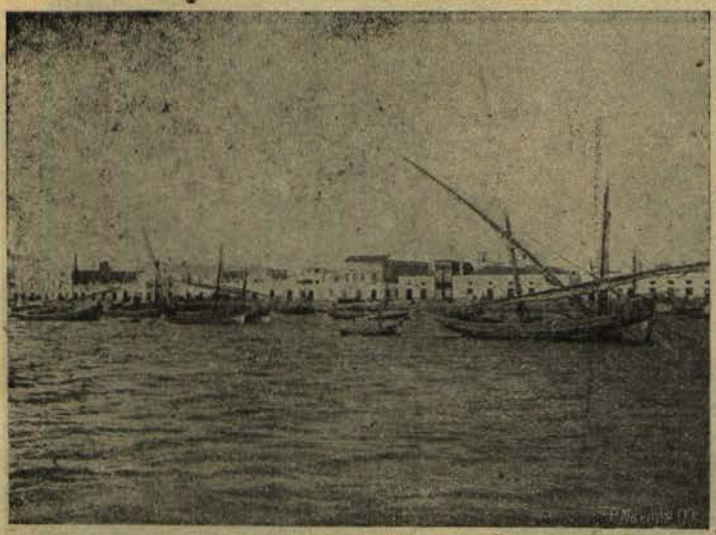


FARO—Vista parcial

— E quasi todo o panorama é semelhante, salvo em algumas partes, onde uns pequenos campos de salinas, adeante de Faro, mudam um pouco o scenario. Mas deve-se constatar que embora não haja a diversidade de terras e de aspectos que se

encontram principalmente nas provincias do norte de Portugal, o panorama Algarvio é sempre interessante.

N'este lêdo gozo fômos correndo a estrada ferroviaria. Passámos Albufeira, Boliqueime, Loulé, Almancil, até que chegámos a Faro, capital d'essa provincia onde então nos achavamos com a maior satisfação. Do comboio contemplámos o seu aspecto geral que é agradavel. Depois da estação, passa-se junto á ribeira até se atravessar, por cima d'uma ponte levadiça,



Vila Real de Santo Antonio

a sua comunicação com a bahia que fica um pouco ao largo defronte da cidade e onde apenas podem fundear barcos de pequeno calado.

Deixamos Faro, e continuando a disfrutar os panoramas que o comboio ia fazendo desenrolar á nossa vista, apreciamos o conjunto de Olhão que nos pareceu — como realmente é — uma vila muito antiga. Ahi notámos n'um golpe de vista, que a quasi totalidade das habitações antigas não teem telhado, sendo sobrepostas por terraços. Atribue-se este facto á dominação arabe, que ali ainda se faz sentir, como — de resto — alguns usos que são conservados por tradição.

Diz-se que a classe maritima, que constitue uma grande parte da população d'essa Vila, usa os cabelos crescidos, como recurso pora poderem ser salvos n'um caso de naufragio.

Não pudemos constatar esse facto; por isso apenas o citamos a titulo de curiosidade.

Mais adeante apareceu-nos á vista, com o seu aspecto sympathico, a graciosa cidade de Tavira. A linha coleia-a como que a fazer-lhe uma gentil reverencia. Isso permite admiral-a mais minuciosamente, isto é — tanto quanto possivel do comboio em marcha. Seguindo sempre, no decorrer do caminho, distrahimos o espirito e regalámos a vista com muitos aspectos, até que divisámos o antigo Castelo de Casto Marim—velho baluarte da independencia portugueza e que se assemelha a um fiel guarda denunciando todos os movimentos da visinha Espanha que colocou mesmo na sua frente, como que namorando-o, essa sorridente vila de Ayamonte, que sob um agradavel aspecto, se avista do nosso comboio pouco antes de se chegar a Vila Real de Santo Antonio.

Aqui chegamos, por fim ao cabo d'uma jornada de dezaseis horas, com pouco mais de hora e meia de atrazo.

E como estamos um pouco cançados... continuamos no proximo numero.

A. L.

«*Revista de Turismo*»

Por motivo do conflicto havido entre os industriaes tipograficos e o respectivo pessoal, que originou a paralysação de todos os trabalhos, a ***Revista de Turismo*** teve de adiar a publicação do seu numero relativo ao mez de Junho passado; o que só agora poude fazer.

Embora não tenhamos a responsabilidade d'essa falta, não podemos deixar de por esse facto, dar esta satisfação aos nossos assignantes, anunciantes e amigos.

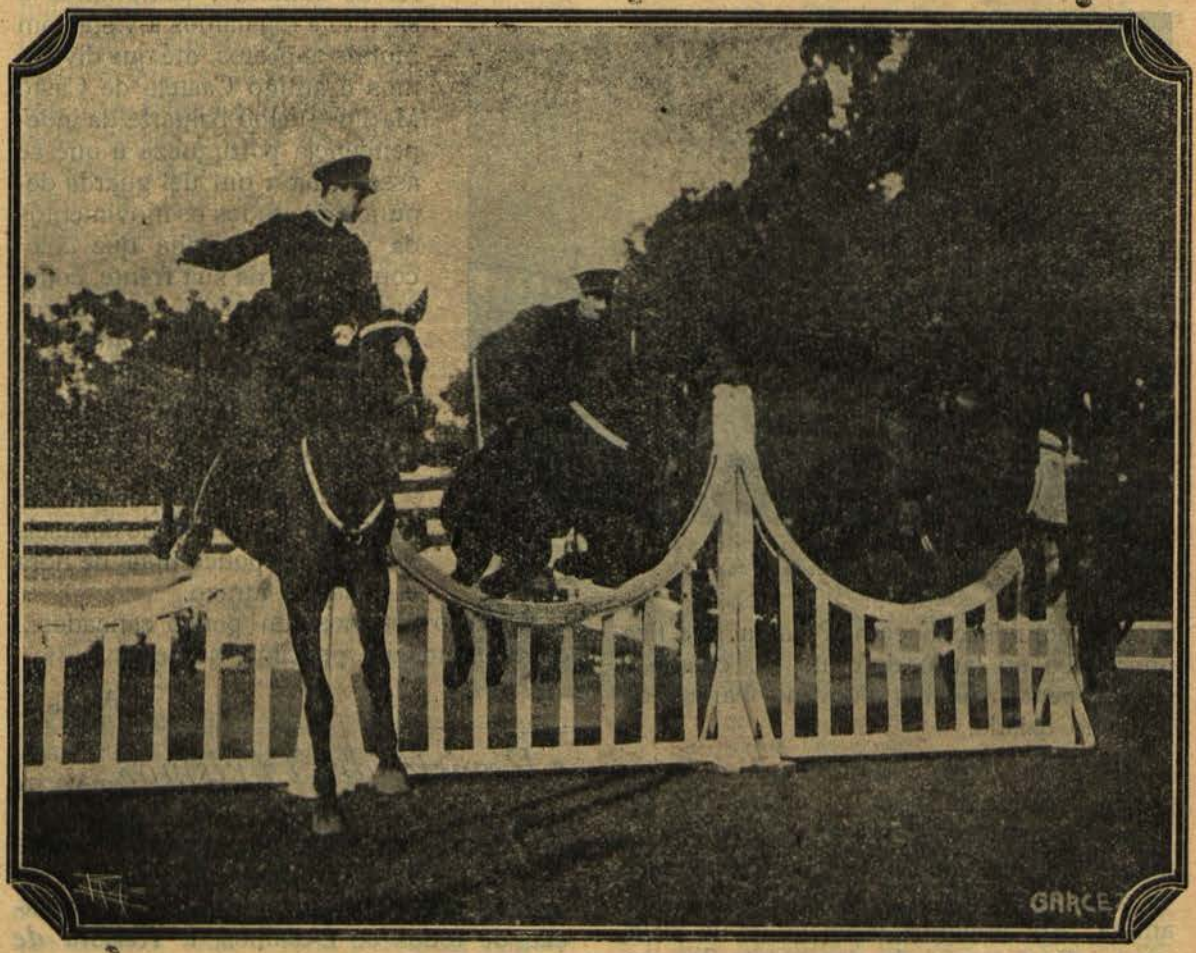
DESPORTOS

Concurso Hipico da Primavera

Não se deve extranhar que a ***Revista de Turismo,*** não sendo uma publicação desportiva, se refira, algumas vezes, aos desportos, especializando a sua apreciação sobre qualquer certamen desportivo quando para isso se lhe oferece ensejo e oportunidade.

confirmam simplesmente a afinidade que ha entre turismo e desportos. D'ahi a razão porque esses certamens teem um relativo cabimento em a nossa Revista.

Feito este preambulo, como necessaria explicação para as inteligencias ***facilmente sujeitas a confusões***, passamos a apreciar



Corridas de parelhas nas cancelas em curva

Certamente que aqueles que se interessam pela industria do turismo e que, mais ou menos, conhecem a sua extraordinaria complexidade, comprehendem facilmente que as nossas referencias sobre o assumpto d'um modo generico e sob a influencia que o facto representa para o turismo em Portugal, o Concurso que, promovido pela ilustre Sociedade Hipica, acaba de realizar-se no belo hipodromo de Palhavã.

Todos os grandes certamens desportivos teem, em geral, uma manifesta influencia, como poderoso atractivo, na industria de turismo. Eles são um precioso fio conductor, de nacionaes e extrangeiros, aos pontos onde se realisam esses certamens. Haja em vista a multidão cosmopolita que se enfileirava nas margens do Tamisa para apreciar as celebres regatas de barcos de remos anualmente disputadas com o mais vehemente enthusiasmo, entre as tripulações que representavam as duas velhas Universidades inglezas — a de Oxford e a de Cambridge. Devêmos, tambem, lembrar a concurrencia de verdadeiros turistas endinheirados (os melhores turistas) que a disputa da não menos celebre ***Taça da America***, a que concurriam embarcações de vela especialmente construidas para esse fim, fazia convergir ás costas dos Estados Unidos e que depois da regata, desembarcavam nos seus portos, principalmente em New-York, onde gozavam as delicias proporcionadas por essa enormissima Capital.

Em mais d'uma d'essas regatas se tornou celebre o nome de Mr. Lipton o fabricante de chá tão apreciado em Portugal.

Tenha-se, tambem em vista, a concurrencia de forasteiros que são levados a San Sebastian e a Nice por ocasião das grandes regatas; assim como ás vilas e cidades hespanholas com as grandes touradas em que, como principaes atractivos, se con-

Um aspecto da assistencia

tam os nomes dos *espadas* e dos *ganaderos*.

Muitos e outros motivos teriamos a especialisar, como as corridas de cavalos, os combates de galos etc., que constituem sempre ensejos para chamar farta aglomeração internacional aos pontos onde esses certamens se realisam. Porém, esses exemplos são já suficientes para mostrar o ponto principal da nossa these, que é a afinidade que ha entre turismo e desportos; pois que, quem se desloca por um d'esses motivos d'atração, não deixa de

aproveitar a oportunidade de se achar em terra extranha, para a visitar, para apreciar o que n'ela ha de interessante, para adquirir lembranças — de que resulta, para essa terra, vida, animação, movimento e beneficios advindo, das transações a que a oportunidade dá logar.

De ano para ano a distincta Sociedade Hipica tem conseguido, á custa dos maiores sacrificios e de esforços inauditos, dar uma nota de verdadeiro realce aos certamens que tem promovido. E pronta sempre — como está — em prestar o seu precioso concurso em pról de qualquer benemerencia, ela, quando assim esse concurso se torna util, mobilisa os seus mais habeis representantes para que, com o brilhante exito com que em todas as festas é consagrado o seu programa, os resultados destinados ao fim que é visado excederem a melhor espectativa.

Em o ano passado a Sociedade Hipica poude obter a inscripção de alguns ilustres oficiaes do Exercito Espanhol, o que muito contribuiu para um maior interesse de todas as provas. Os resultados, apezar dos contratempos havidos, puderam considerar-se lisongeiros.

Este ano, porém, o concurso limitou-se a nacionaes; não deixando, por isso, o parque de Palhavã de ter tido, em todas as tardes das belas provas, farta concurrencia que, principalmente no sector da sombra, marcou pelo seu cunho de elegancia e de distinção.

E' curioso registar que, por ocasião do concurso hipico da primavera, sucede quasi sempre um acontecimento — ou d'ordem social, ou politico; mas o enthusiasmo por essas festas, que se caracterisam por um grande brilhantismo, por isso mesmo não esmorece e mais se afervora á medida que a sua realisação se aproxima.

Por ocasião do concurso d'este ano a gréve dos electricos — factor importante para a concurrencia a esse certamen, a sua influencia, todavia, se bem que notada, não se fez sentir d'uma forma sensivel. O enthusiasmo e o desejo de se apreciar a destreza, o garbo e a maestria dos nossos cavaleiros e, tambem, o ambiente em que decorreram as arriscadas provas, constituiram motivos de sobejo para se fazer substituir o transporte em electrico pela melhor maneira de se chegar a Palhavã o mais rapidamente possivel.

Não quere, porém, isto dizer que se dispensava o serviço dos electricos. Antes pelo contrario. Mas, quem perdeu, foi a Companhia; e quem ganhou foram os outros meios de transporte.

No emtanto, apezar de todas as provas serem assistidas com interesse, havia ainda no recinto do hipodromo, dada a sua vastidão, bastante logar para mais espectadores, principalmente no segundo sector e no dos peões, que se teriam enchido se uma mais larga propaganda tivesse sido feita no Paiz. A sua difusão, sob um bem orientado criterio, traria a Lisboa basta soma de forasteiros, porque o exito que tem coroado os concursos hipicos é já atractivo para enthusiasmar os seus amadores a deslocarem-se das suas casas.

E se a semana hipica em Palhavã se realizasse sempre no mez de Maio, em que, em geral, os provincianos gostam de vir á Capital para visitarem outros motivos d'interesse, como as exposições de pintura que, quasi sempre teem logar n'esse mez; as de flores que já se vão felizmente exhibindo em Lisboa e os muzeus onde se nota já muitos e interessados apreciadores, a sua concurrencia seria certamente maior; e este seria, tambem um outro atrativo para tornar mais interessante o mez de maio na nossa Cidade.

...Isto poderá suceder quando, um dia houver uma entidade superior que superientenda, com direito e criterio, na organisação das *Festas da Cidade*.

Como, porém, não se sabe quando isso poderá suceder, é de esperar que a Sociedade Hipica, no seu proprio interesse e no da cidade, em geral, promova, de futuro, os seus brilhantes concursos da primavera em ocasião em que outras festas possam completar a atração de forasteiros á nossa Capital.

J. L.

PINTURA

SALÃO PORTUGUEZ DE 1921

Pois que a vizita a Muzeus e exposições de Arte, em qualquer cidade importante, é um dos motivos interessantes que o Turismo tem em vista, explica-se que, estando nós, ha tempo, ante a Casa dos Artistas na Rua Barata Salgueiro ahi entrassemos a apreciar a exposição de Belas Artes d'este ano, para que nos chamara a atenção um letreiro pintado n'uma extensa tira de pano, anunciando-a do lado da Avenida da Liberdade.

Segundo o catálogo, não ilustrado, era esta a 18.ª exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes, a sucessôra do Grémio Artistico, e este —por sua vez—descendente do famôso Grupo do Leão, iniciado ha uns bons quarenta anos e já hoje um tanto apagado da memoria; — isto ao tempo em que a antiga Sociedade Promotôra de Belas Artes se extinguia já.

Quantos nomes de ilustres artistas portuguezes teem em meio século brilhado, dos quaes uma grande parte d'eles se acham desaparecidos no tumulo, como Anunciação, Christino, Silva Porto, Ramalho, Soares dos Reis, Constantino *et j'en passe...* Mas, entramos no *hall*, onde se agrupava a secção da Escultura, e logo dois colossos avultam chamando-nos a atenção. Intitula-se um *Na aza do sônho*, de Francisco Santos e o outro *Adamastor*, de Julio Vaz.

No primeiro o sônho é representado por um agigantado sêr alado, curvado, de poderosa musculatura, segurando dois namorados, cingidos n'um amplexo bastante rialista. No segundo, visiona-se o clássico gigante de fera catadura, apavorando um minusculo escultor, que com ele depara á volta de um rochêdo.

Um arrependimento bem dramatisado de Almeida, e um *Pastor* de Moreira, dois portuenses discipulos do grande estatuário Teixeira Lopes, destacam-se entre outras graciosas figurinhas, como são exemplo os dois coquetes *Retratos*, de João da Silva.

Dos ilustres escultores Costa Motta tio e sobrinho, figuram—do primeiro, uma graciosa *Bailarina* em miniatura, e do segundo, um modelo para monumento ao actor *Antonio Pedro* – o famôso coveiro do Hamlet,—mas em cuja mascara o distinto artista não conseguiu realisar completamente a semelhança.

N'este certamen escultural era porém o *clou*, o impressionante e deliciôso pequeno mármore *Recordando*, de Francisco dos Santos, uma maravilha de arte, que o Estado justamente adquiriu para o Museu de Arte Contemporanea.

Entramos depois nas salas da Pintura, duas de cada lado, e logo em evidente logar se via destacarem-se tres preciosidades devidas ao pincel de Carlos Reis, a saber: a grande paisagem *O vagabundo*, cheia de verdade, de ar e de luz, com a bem caracterisada figura do pobre, só prejudicada esta, pelo exagerado comprimento dos empoeirados pés de caminheiro, que embora andasse muito, lhe não podiam crescer tanto; ao lado d'esta a tela do *Resignado*, perfeita de sentimento e de harmonia de côr n'uma meia luz admiravelmente graduada.

Foi porém *O Samovar*, destacando o seu brilho metálico entre finas porcelânas de um «chá das cinco», a tela que concitou a geral admiração pelo seu rialismo e perfeição técnica.

N'esta sala destacavam-se alem da obra d'este Mestre, o quadro *Pela Madrugada* de Alves Cardôso, um delicado estudo de animaes domésticos sahindo do curral para o campo; e a *Velha tricâna*, de Constancio, um caracteristico e bem modelado busto de camponêsa; alem d'estes, viam-se com agrado umas pequeninas *Naturezas mortas*, de Gil Romero, com umas lustrosas cerejas desafiando os pardaes — como se conta das uvas de Zexis, — assim como a pintura decorativa de Bouvalot *O Desejo*, entre outras.

Na sala imediata destacava-se Enrique Tavares, um outro portuense, com uns luminosos estudos de ruas de aldeia, sendo o quadrinho da *Manhã na Montanha* um primôr de verdade e delicada execução; tambem n'este lado do salão se notavam, como bem observados estudos do natural, *O Arco do Carrasco, em Obidos*, de Martinho da Fonseca; *A Fonte de S. Joaquim*, de Abel Santos; os *Telhados de meus visinhos*, de João Reis, *Casas vermelhas* de Adriano Costa, entre outras aceitaveis pinturas.

O «futurismo», ou «exotismo», tambem se via algum tanto representado aqui pelos trabalhos de Ortigão Burnay, com o quadro *Em férias*, aliás sob forma atenuada, sem a sistematisação dos exageros das côres cruas e faltas de desenho, que tanto faz delirar agora a critica *snob*, que pretende alçapermar a disparatada especialidade aos «vértices» da Lua.

Nas duas salas opostas salientava-se em logar de honra a *Oração da tarde*, do portuense Augusto Ribeiro, representando no campo, n'um fim de tarde, um amavel velho campónio posto de perfil, que o sol no poente realça e em que o desenho, o colorido e o sentimento são notaveis, e—deixem-me dizer-lhes—que ainda mais alguns portuenses se notabilisavam no Salão, como o revela o *Sol poente* de Julio Ramos; *A harmonia em gris* de M. Lucio e o *Sol da tarde* de J. Lopes, em que aspectos do Douro e do Minho são artisticamente conseguidos. Era tambem um encanto o pequenino quadro *Lendo* de D. Aurelia

Sousa, consagrada artista do Norte; pelo que se vê que a Arte na segunda cidade de Portugal se mantem em elevada altura.

Felizmente os artistas lisbonenses defenderam-se bem, n'este lado do Salão, com galhardia e assim um Mestre consagrado, Velôso Salgado, que parecia descançar dos antigos louros conquistados, apresentou agora no seu *Mistério* personificado por uma bela figura feminina de azul vestida, em suave contra-luz, uma autentica obra prima. São interessantes estudos pelo seu caracter. As *Ciganas* de Campos, e os *Pecegos* de R. Carapinha, estes superiormente realisados; em efeitos de luz artificial destacou-se, como sempre, Almeida e Silva, um artista beirão, como é exemplo o seu quadro. *Por alma do seu homem*, e um artista alemtejano Dórdio Gomes, salientando-se com um admiravel quadro rialista *A sesta dos ceifeiros*, de uma bela côr local e que o estado tambem adquiriu para o Museu.

A Arquitectura representou-se por alguns poucos projectados sóbrios edificios entre os quaes um de estilo seculo VIII de Mello Breyner, é muito interessante.

Como nos mais Salões anteriores viam-se varios amadôres, alguns discipulos e discipulas de Mestres consagrados, apresentando numerosos trabalhos em diversos géneros, figura, paisagem, marinha, natureza morta, etc., em que provas de talento em alguns, aqui, ali, se manifestavam. Ao terminar a nossa vizita, citarêmos ainda a presença artistica no Salão de tres veteranos da Arte, visto serem fundadôres do «Grupo do Leão», referimo-nos a José Malhôa, a João Vaz e a Ribeiro Christino, que manteem os já de ha muito conquistados logares na Pintura portuguesa. Assim Malhôa com *Os aguaceiros*, deu-nos uma abrupta costa de mar n'uma admiravel impressão do natural; Vaz repetiu as suas tranquilas aguas do Sado, em que barcos parece balouçarem-se, como no lindo quadro *Bateiras*, e Christino com a sua maneira minuciosa mas sincera, afirma-se, n'umas luminosas paisagens durienses e estremênhas do que *A ribeira da Abrigada* é um delicioso estudo; tambem n'esta exposição, o artista afirmou-se egualmente n'um *Auto-retrato* de notavel semelhança.

Um reparo; estivemos na exposição quasi proximo ao encerramento e notámos não haver indicios de terem sido concedidas quaesquer recompensas conferidas pelo jury aos mais distintos expositôres, como nos demais anos e é regulamentar, parecendo assim, que no certamen nada havia digno de menção, ou então que se deu um esquecimento bastante lamentavel.

MIRONE

CARTAS DE PARIS

Marselha e a sua «Canabiére» — Nice e o seu Luxo — Canes e Monte Carlo — Hoteis sumptuosos — Os jardins e o casino de Monte Carlo — O Jogo.

MARSELHA é hoje a segunda cidade da França. Lyon, que desde sempre gosou a honra d'essa categoria, ficou a perder de vista no ultimo senso da população. Marselha tem hoje cerca de 700 mil habitantes; quando ha 10 annos tinha apenas 550 mil!

E' o unico progresso palpavel da população franceza, que continua pavorosamente a decrescer.

Vamos porem á cidade, e vamos á «Canabiere» essa famosa rua que segundo os Marselhêses — se Páris tivesse uma arteria egual, seria Paris uma pequena Marselha. E' na verdade uma rua importante, a principal da cidade, onde estão os melhores cafés e restaurantes, e onde se oscila o luxo marselhez. E' como o nosso Chiado. E' para notar porem, que, devido á insconstancia do tempo e, sobre tudo, do vento arrepiador que quasi durante todo o anno sopra sobre essa cidade, os cafés teem os terraços envidraçados, como se eles fossem um prolongamento da casa.

Ao fundo da famosa rua ha o palacio da Bolsa, edificio moderno, de linhas sevéras, tendo do alto, a todo o longo da fachada, oito medalhões com os nomes dos grandes navegadores do mundo, dois dos quaes os portuguezes, Vasco da Gama e Fernão de Magalhães.

Da «Canabiére», ponto principal da cidade, irradiam-se as linhas electricas para todos os arrabaldes, e uma d'estas — a do Prado — tentou-nos a dar um passeio, em torno do monte da Virgem da Guarda, e de que nos não arrependemos, apesar do vento desabrido que soprava do mar.

A viagem faz-se sahindo da Canabiére e voltando-se ao mesmo sitio sem trasbordo; circulação em que se gasta uma hora e um quarto, custando apenas 40 centavos!

O passeio é lindissimo, principalmente na parte da costa d'onde se vê o mar irromper, com furia, contra os rochedos, o que por vezes, dá a visão da costa da Guia, em Cascaes.

Subi tambem ao Monte da Guarda, o que é por assim dizer obrigatorio, pelo magnifico panorama que d'ali se disfructa sobre a cidade e sobre o porto. Obrigatorio é egualmente a visita ao palacio de Long-Champs, magnifico edificio n'uma pequena iminencia da cidade, e que guarda dois excelentes muzeus; o de Pintura e o de Historia Natural, qualquer d'eles muito curiosos.

De Marselha a Nice, é um instante, apesar dos 233 kilometros que as separam. Nada menos de oito comboios expressos circulam d'um para a outra cidade, o que torna a viagem extremamente comoda e agradavel.

Depois essa serie de pequenas cidades á beira mar, que se nos desenrolam no caminho, com a graciosidade d'uma garridice môça, pareceu-nos a guarda avançada d'essa Nice, encantadora, hoje a cidade de prazer mais concorrida do Mundo.

A cerca-la tem Cannes e Monte Carlo, duas cidades de luxo, onde a arte e o bom gosto se fixaram, e que são as azas d'uma ave que de Nine esvoaça.

Chegámos a Nice ao meio dia, quando um sol ardente cahia a pino, como em epochas estivaes.

Entrámos no primeiro hotel. Um creado conduziu-nos a um quarto rasoavel, com agua encanada, janela para a rua, tapete macio e grande leito: por sete francos.

Com pensão o seu custo era de 30. Propuzemos só o quarto para têrmos a liberdade de comer onde quisessemos e podermos assim apreciar de facto o serviço de mesa dos varios restaurantes da cidade.

Nice é uma cidade de prazer e de luxo, por excelencia. Nada ali falta. Hoteis grandiosos, casinos soberbos, e uma explanada de 7 kilometros sobre o mar.

Dizer-se que Nice tem os melhores hoteis de França, não é exagerar. Depois, a situação eguala-se no seu conforto, aos dos primeiros hoteis. Assim, os chamados de grande luxo, estão sobre o mar ou sobre a colina, com a cidade derramada a seus pés.

Alem d'esses, ha outros hoteis, facilitando-se assim a satisfação de todos os gostos e... das bolsas. Ha os da encosta, para os que apreciam o recato e a tranquilidade; os da explanada para os que preferem a vida mundana e buliçosa, atrahente sempre para quem pode gastar.

Os casinos, tanto o Municipal, como o da Explanada, passaram. ha pouco, á segunda classe, pois a grande vida mundana faz-se nos chás dançantes, dos dois grandes hoteis da esplanada, NEGRESCO, RHUL.

Lá fomos uma tarde; e a impressão que d'ali trouxemos foi de que eles suplantam tudo o que de mais elegante ha em Paris.

Nice tem tudo o que se póde desejar para o conforto de turistas, e um dos serviços mais bem organisados é, sem duvida, o dos auto-omnibus para todos os pontos da Côte d'Azur.

N'um d'esses carros tomámos lugar para Monte Carlo, passeio indispensavel a quem vae á Côte d'Azur.

A viagem é a mais interessante que se pode imaginar, pois não só os seus aspectos são variados, como tambem a doçura do clima permite a viagem em auto descoberto, podendo-se assim apreciar a beleza completa da paisagem.

Logo á sahida de Nice se nos depara essa bahia tranquila de VILLEFRANCHE, onde dois couraçados francezes negros e sinistros. com as suas salientes torres blindadas, constrastavam com o casario alegre que quasi escorrega no mar, como que a ir banhar-se...

Mais adiante, como o esporão d'uma galéra, avança o CABO FERRAT, verdejante; e mais alem, severa e feudal,

aninha-se sobre a sua quasi-ilha, Monaco, a capital do minusculo principado que todo o universo conhece.

Tres quartos d'hora passados, o auto desce-nos junto do casino de Monte-Carlo, e quem ainda não teve a impressão de cahir, n'um sonho radioso, d'um Paraiso, deve ir lá, porque a ilusão é completa. O Jardim das Tulherias, de Paris, o «Retiro» de Madrid, os parques soberbos de Andalusia, o nosso jardim Botanico, o Campo de Sant'Anna do Rio de Janeiro, são fracos lampejos da beleza incomparavel d'aquele pequeno jardim que rodeia o casino.

Apesar do buliço de milhares de pessoas que ali passam e se demoram a tomar um «bock», no terraço d'esse café; apesar do vae-vem das «cócótes» a entrarem e a sahirem da porta monumental do Casino, o silencio é quasi completo. Dir-se-hia que toda aquela gente despreocupada, tem receio d'acordar a beleza religiosa d'aquele Eden.

Descreve-lo? Impossivel!

Ali, n'aqueles quatro palmos de terra ha uma tão grande harmonia de conjuncto, que se não comprehende que uma roseira desconcerte com as suas rosas vermelhas, as côres amarelas das rosas-chás, ou com as olaias e as begonias.

O asseio é tão perfeito que jamais se viu um enveloppe amarrotado a pejar o chão varrido.

Entrêmos, porem, no Casino. A entrada é gratuita, mas n'ele só entram os extrangeiros, — nunca a gente da terra — a quem são pedidas mil e uma explicações.

Lá dentro o buliço é retido pelo rolar lento da roleta, onde mil olhos se fixam e onde uma fortuna desaparece de cada vez. Dezoito mesas de jogo funcionam, cujo movimento é diariamente estimado em 10 milhões de francos!

Joga-se á doida. Perde-se com fleugma. Um rapazote dos seus vinte e dois annos, imberbe e triste, perdera n'um curto momento 300 mil francos; jogou até o ultimo bilhete. Depois sahiu. Ia satisfeito, apenas na testa se lhe desenhava uma vaga ruga. Segui-o. Veio sentar-se no terraço em frente do mar. Comprou um jornal, talvez com as derradeiras moedas e leu tranquilamente, mas com interesse, os sucessos da Grecia.

— Seria algum grego!...

GUERRA MAIO.

NECROLOGIO

Não constitue, felizmente, o necrologio uma secção obrigatoria da *Revista de Turismo*.

Ser-nos hia muito penoso mantel'a em todos os numeros, porque isso representaria uma perda dolorosa dos nossos muitos queridos colaboradores — e tão poucos eles são! — ou a nossa manifestação na dôr que qualquer d'eles sofresse.

Infelizmente hoje temos de nos referir aos dois casos; o que magoadamente fazemos.

Um d'eles representa-se pelo desapparecimento do Engenheiro Arthur de Souza Bual, que foi sub-director da Exploração do Porto de Lisboa. Novo ainda — póde dizer-se na pujança da vida, esse ilustre engenheiro, caracter recto, espirito dado ás mais altas concepções, deixa de ser contado no numero dos vivos quando da sua sugestiva ação tanto havia a esperar.

Arthur Bual era um admirador da nossa obra, tendo colaborado na *Revista de Turismo*, com o fulgor da sua vasta sciencia. Turista apaixonado, homem moderno, com a previsão d'um largo futuro para o nosso Paiz, onde ele colaboraria com a sua forte energia e com a experiencia do seu saber, ele estava sempre prompto a dar o seu concurso a todas as obras que especialmente visassem ao engrandecimento da sua Patria. Por isso a nossa Revista perdeu um precioso auxiliar; e nós um amigo, sobre cuja campa depômos as violetas transmissoras da nossa grande saudade.

A sua Ex.ma Familia, a *Revista de Turismo* apresenta a expressão das suas condolencias.

O outro caso que tambem sentidamente registamos, é o da morte da sr. Visconde de Sacavem, pae do nosso bom amigo e distincto colaborador Alfredo Pinto (Sacavem).

O panegirico do ilustre homem que foi o sr. Visconde de Sacavem, que deixou um impericivel sulco de saudade por sobre a estrada em que seguiu para o A'lem, foi justamente feito na imprensa portugueza por autorisadas penas; limitando-nos por isso a registar a sua perda, como rendida homenagem á sua memoria.

Endereçamos, pois, ao nosso ilustre colaborador sr. Alfredo Pinto (Sacavem) a expressão do nosso mais comovido pezame.

Composto e impresso no CENTRO TIPOGRAPHICO COLONIAL — Largo Raphael Bordalo Pinheiro, 27 — (Antigo Largo d'Abegoaria)